

## MENSAGEM: PROFISSÃO DE FÉ POÉTICA

MARIA HELENA NERY GARCEZ  
(USP)

Quando Fernando Pessoa decidiu começar a publicação de sua obra em língua portuguesa por MENSAGEM, tal decisão parece-me cheia de significado. Não é indiferente que tenha principiado por uma obra tão enigmática e densa de profecias e de simbologias. Penso que o poeta efetivamente quis principiar por este poema complexo e instigante pois, como o título que lhe deu o manifesta, era o que desejava dizer a quem tivesse ouvidos de ouvir, primeiro em sua própria pátria e depois em qualquer lugar onde viesse a ser lido. Trata-se de uma *mensagem* em que - penso - efetivamente acreditava e que nos permite vislumbrar alguns campos do “immenso espaço seu de meditar”. Dele podemos destacar o da História das Civilizações e o da Religião, entendida aqui no sentido etimológico de reatar o vínculo de união entre o homem e a Divindade. Depois de MENSAGEM viriam, talvez, em seus projetos, o CANCIONEIRO e as FICÇÕES DO INTERLÚDIO, como efetivamente vieram na organização de seus publicadores. Não, não penso que seja por acaso que MENSAGEM veio em primeiro lugar. É uma profissão de fé, é uma tomada de posição que compromete, é uma obra extremamente pensada e calculada.

Do mesmo modo, não imagino MENSAGEM como o produto de um “dia triunfal” não só porque as datas dos poemas nos mostram que foi escrita ao longo de toda a vida de Fernando Pessoa (o 1º poema data de 1913 e os últimos de 1934), mas principalmente porque os textos revelam uma visão de síntese muito madura, tanto da História quanto do fundamento espiritual que os anima. MENSAGEM se nos apresenta como obra resultante de uma reflexão que se decantou ao longo de toda uma vida. E não apenas isso; penso que o poema é a resultante de uma reflexão que o poeta principiou a fazer muito cedo, tão cedo que a podemos imaginar processando-se desde a infância, desde a experiência do exílio que fatalmente terá levado o pequeno Fernando a meditar na sua pátria.

Será que já demos a merecida importância para o fato de que Fernando Pessoa viveu dos sete aos 17 anos na África do Sul? Será que já consideramos o suficiente que mergulhou noutro meio lingüístico, que recebeu na Durban High

School uma educação inglesa? Mais: vitoriana? Será que nos demos conta de que a cidade de Durban fica próxima do Cabo da Boa Esperança, ponto crucial dos maiores feitos portugueses na História Universal e de que esses territórios, então ingleses, tinham pertencido primitivamente a Portugal? Consideramos que Durban é uma espécie de encruzilhada da costa oriental, nela coexistindo indianos, africanos e europeus, muçulmanos e cristãos? Lembramos que o jovem Pessoa residiu na Cidade do Cabo enquanto fazia seus estudos de comércio? Lembramos ainda de que o Ultimatum inglês tinha ocorrido em 1890, apenas seis anos antes da ida da família para a África do Sul? Seria verossímil que essas circunstâncias não povoassem os pensamentos do estudante reflexivo que ele foi, mormente quando assistiria às aulas de História, dadas sob o enfoque britânico?

Ficou claro pela publicação de vários inéditos no PESSOA POR CONHECER de Teresa Rita Lopes que o jovem Pessoa escolheu ser cidadão da pátria língua portuguesa quando teve de optar entre as duas possíveis línguas pátrias e que tinha em mente erguer o nome português muito alto através da obra que se sentia destinado a criar. E fica igualmente claro para mim que MENSAGEM é o fruto maduro dessa longa reflexão histórica que começou, poderíamos dizer, *in loco*, e que ocupou toda uma existência. MENSAGEM presidiria a toda a obra a ser publicada em língua portuguesa porque nela Pessoa ostenta uma concepção mística da História nacional portuguesa e da universal que me parece poder ser vista como homóloga à da concepção de sua obra. Com MENSAGEM tem a ver a obra heteronímica, porque naquela o poeta anuncia o retorno do Desejado que virá instaurar uma nova idade paradisíaca - idade lúdica por excelência - e durante o tempo intervalar, que é um “*interlúdio*” por estar entre dois tempos de ludo, criam-se ficções, as FICÇÕES DO INTERLÚDIO. Como esta denominação tem o mais amplo espectro de abrangência, podendo incluir não só a obra heterônima, mas tudo quanto o poeta criou ou poderia criar, tudo o que viria a ser publicado depois de MENSAGEM teria a condição de obra criada “enquanto este tempo passa lento”, de obra do tempo intervalar. MENSAGEM seria, portanto, a obra decisiva por definir uma mundividência providencialista, distinta da católica romana, cristã gnóstica muito provavelmente, e que daria sentido ao conjunto das obras que a ela se seguiriam. Mais heterônimos existissem além dos três que constituem as FICÇÕES DO INTERLÚDIO e eles caberiam perfeitamente nesta rubrica porque seriam efetivamente ficções do interlúdio. O CANCIONEIRO ficou de fora das FICÇÕES DO INTERLÚDIO porque é obra ortônima e não fruto da criação de uma de suas ficções, mas se quiséssemos também poderíamos enquadrá-lo nelas. E o que dizemos do CANCIONEIRO poderíamos dizer do LIVRO DO

DESASSOSSEGO, dos poemas dramáticos, das QUADRAS AO GOSTO POPULAR, por exemplo.

Além disso, MENSAGEM é o livro com que Fernando Pessoa se confronta com o máximo vate português de até então, Luís de Camões. Este certamente havia erguido bem alto o nome português e era exatamente com ele que qualquer outro poeta português, que surgisse com a mesma pretensão de erguer o nome português bem alto, teria de ombrear. Se a grande obra camoniana de repercussão internacional no século XVI tinha sido OS LUSÍADAS, o poeta português que pretendesse o mesmo no século XX, o supra-Camões, deveria publicar um poema do mesmo porte, embora em moldes obviamente distintos porque a sua concepção revelaria uma poética moderna. É assim que surge MENSAGEM, poema épico dos tempos modernos, demonstrando que a essência do épico não está em apresentar uma proposição, invocação, dedicatória, narração e conclusão, mas em apresentar uma interpretação da História do homem e do sentido do mundo. A reflexão sobre a História - na sua dimensão mais lata - insere MENSAGEM no coração do épico. Poderemos chamar MENSAGEM de epopéia? Não, se entendermos epopéia segundo a caracterização da poética clássica. Sim, se entendermos que a poética de uma epopéia do século XX tem de revelar uma mundividência do século XX. Se pensarmos assim, veremos que Fernando Pessoa procedeu exatamente como Luís de Camões: primeiro tratou de publicar o seu poema épico e, depois, trataria de publicar a sua lírica e até a sua obra dramática. Por ironia do destino, ambos ficaram na publicação de sua épica e deixaram não resolvida a publicação de sua lírica, nem ao menos nos deixaram seus textos fixados.

MENSAGEM ombreia com OS LUSÍADAS, supõe OS LUSÍADAS, dialoga com ele, não ostensivamente, é certo, mas dialoga. (Aliás, o poeta de Orpheu faz questão de não mencionar Camões nem a sua obra épica em seu poema.) O supra-Camões propõe no século XX uma nova leitura da História pátria dentro da História universal; mais, seu poema se pretende escatológico e, como tal, vê-se às voltas com a História do homem, dilatando os limites da História universal, transformando-a numa História da salvação que tem seu desfecho numa parusia. Neste sentido, pode-se dizer que MENSAGEM é um querigma. Se OS LUSÍADAS terminam incentivando D. Sebastião a lançar-se à campanha-cruzada de conquista do Norte da África, MENSAGEM revê tudo de novo e pretende mostrar que o desígnio português não falhou no areal africano, que ele é mais amplo e ainda tem que realizar-se; daí Pessoa concluir seu poema com “É a Hora”, incentivo aos portugueses que, doravante, o lerem para que se lancem ao cumprimento de sua vocação mais profunda. Neste sentido, MENSAGEM é um prosseguimento de OS LUSÍADAS e o supra-Camões não é o poeta que deverá ser visto como superior a Camões, mas como aquele que cria

sua obra sobre a de Camões, como aquele que vem depois de Camões e que, por vir depois, vê o que Camões não pôde ver, conclui o que Camões iniciou e pretende dizer a palavra definitiva. O verso “ É a Hora”, penso, não deve ser entendido como o anúncio de um tempo pontual, mas como o anúncio de um processo. A Hora anunciada pode estar-se dando ocultamente, assim como as ilhas afortunadas “são terras sem ter logar”, até que um dia, o processo estando perto de seu termo, esta Hora emergja de sua condição subterrânea e venha à tona para que todos dela se dêem conta.

Fujamos, agora, um pouco ao poema MENSAGEM e visitemos o primeiro dos poemas épicos da tradição cultural do Ocidente, que, numa das últimas leituras que lhe fizemos, proporcionou-nos um interessante motivo de reflexão. É na ILÍADA que encontramos com relativa freqüência uma oração subordinada relativa funcionando como epíteto do nome nau, barco ou lenho e que diz o seguinte:

“(...)Eu mesmo folgava de estender-me ao pé das airosas naus, esperando deitar a mão aos lenhos que navegam nos dois sentidos (...).

e, noutro exemplo:

“(...)Vai ao encontro das tropas acaias vestidas de bronze; com meigas palavras, retém cada homem e não lhe permitas fazer ao mar os barcos que navegam nos dois sentidos.”<sup>1</sup>

Parece-me que esta oração “os barcos que navegam nos dois sentidos” tem muito a ver com a essência do épico, com a essência da ação humana no mundo, com a História, ao fim e ao cabo. Ela contém uma intuição, a meu ver, muito rica e muito reveladora quando relacionada com MENSAGEM. Navegar nos dois sentidos implica relativizar as ações e os acontecimentos já que não se reconhece o sentido da navegação como único e necessário, já que a nau que vai pode depois voltar, a nau que leva pode também trazer. Reconhece-se um caráter reversível na realidade, a possibilidade de mudar seu direcionamento. A visão fatalista não se apresenta como exclusiva ou onipotente; cabe uma abertura para a mudança. É curioso que este epíteto surja precisamente no mundo épico grego, fatalista por excelência. Vejo aí uma abertura para a dimensão da liberdade, incipiente embora.

Tendo quanto já foi dito em mente, debrucemo-nos sobre o poema MENSAGEM. Não iremos tratar em pormenor de sua estrutura, mas apenas

---

<sup>1</sup> Homero. ILÍADA. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo, DIFEL, 1961, ps. 325-6 e p. 42 (2 vezes).

salientar que se compõe de três partes, sendo a primeira a poetização do brasão do Infante D. Henrique e não do de Portugal, como bem esclareceu António Cirurgião em sua obra O “OLHAR ESFÍNGICO” DA MENSAGEM DE PESSOA. Iremos, porém, lembrar que a primeira subdivisão intitula-se “Os Campos” e compõe-se de dois poemas como são dois os campos do brasão. No poema “Primeiro/Os Castellos”, de uma forma extremamente sintética - doze versos apenas -, a voz épica propõe uma interpretação da História universal centrada no continente europeu e do papel de Portugal nesse contexto. Abre-se o poema com a apresentação da Europa como elo de ligação entre o Oriente e o Ocidente, como o continente ativo por excelência, aquele que mais interveio na História do mundo e, por isso, no poema, como o representante do plano dos humanos. A civilização européia trouxe ao mundo duas antitéticas maneiras de olhá-lo: a objetiva, representada nos “olhos gregos” e a subjetiva, presente nos “românticos cabellos”. Nela Portugal apresenta-se numa posição privilegiada, como que num posto avançado. É o rosto com que a Europa fita. Geografia e História se interpenetram.

O segundo dos campos, “O das Quinas”, da mesma forma que o primeiro, resulta também da madura observação pessoana acerca dos poemas épicos. Em todas as epopéias clássicas, mal se faziam a proposição e a invocação, passava-se imediatamente ao plano do Divino, à focalização de um “Concílio dos Deuses”, onde se discutiam os destinos dos homens. Do plano do humano, o inicial, partia-se para o Divino, seu motor. MENSAGEM não se comporta de maneira distinta. Embora no primeiro dos campos não se faça uma proposição nem uma invocação explícitas, pode-se dele deduzir que o tema do poema estará ligado ao papel da Europa e de Portugal na História dos homens, representando o plano do humano. O segundo poema, tal como ocorre nas epopéias clássicas, parte imediatamente para o plano do Divino em suas relações com o humano e estabelece suas leis. É o “Concílio dos Deuses” de MENSAGEM.

Partindo da premissa de que “Os deuses vendem quando dão”, também em doze versos, arrolam-se alguns paradoxos para tentar fazer ver à lógica humana como funciona a lógica divina e como ela preside à História. O primeiro deles está no segundo verso: “Compra-se a glória com desgraça”. A voz épica parece querer estar a dizer-nos que o modo de comportamento da Divindade - qualquer que seja o contexto cultural que a ela se refira, monoteísta ou politeísta - é sempre misterioso para o homem. (E talvez também seja por isso que Fernando Pessoa escolhe o paradoxo como sua figura de dileção: ela o torna mais semelhante à Divindade.) Toda esta reflexão para mostrar que o verso paradoxal mostra que a desgraça pode não ter mão única, ela pode ser reversível, uma nau que navega nos dois sentidos, mormente quando em mãos divinas. O que serve para diminuir pode também servir para exaltar, o que serve para desgraçar pode

também servir para glorificar. Assim se comportam os deuses, diz-nos o poema; assim devemos também nós interpretar os fatos da existência individual e coletiva, os fatos da História. Se nós, os homens, somos capazes de até certo ponto reverter uma situação, o que não se dirá de um poder divino? É esta relativização dos fatos, é esta reversibilidade da História dos homens que é posta como premissa do trato entre o plano do Divino e do humano. Esta premissa, a meu ver, constitui o princípio de composição de todo o poema MENSAGEM, constitui afinal o núcleo da mensagem de MENSAGEM, e está presente em cada uma de suas partes. Não esqueçamos ainda que este mesmo poema “Segundo/O das Quinas”, para tornar mais clara a sua proposta - Pessoa tem uma enorme preocupação didática - apresenta-nos o caso paradigmático de Cristo:

“Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Christo definiu:  
Assim o opoz à Natureza  
E Filho o ungiu.”<sup>2</sup>

Segundo a visão pessoana de Cristo, a desgraça e a vileza não serviram para desgraçar e envilecer a figura de Cristo, mas serviram para manifestá-lo como Filho ungido, como o portador da Graça, que não provém da Natureza mas que a excede e, neste sentido, a ela se opõe. A desgraça e a vileza foram um caminho que nas mãos divinas mudaram radicalmente de sinal. Fazer a realidade mundana adversa mudar de sinal parece ser tarefa épica por excelência, possível mormente quando o homem age em estreita colaboração com a Divindade. É o que nos dizem os versos do poema inicial da “Segunda Parte”:

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quiz que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.”

O Infante D. Henrique, figura axial da empresa dos Descobrimentos, sonha aquilo que Deus quer dos portugueses naquele momento e nasce a obra das Navegações, cujo balanço acaba sendo este: Deus quis a unidade da terra, Deus quis que a adversidade representada pelo mar mudasse de sinal. O mar que servia para separar passa a servir para unir. Deste modo progride-se no desígnio religioso e místico de reencaminhar a realidade terrena para a unidade primitiva que não é apenas vista enquanto espiritual, mas também enquanto material. Ou

---

<sup>2</sup> A edição que utilizo para os textos de MENSAGEM é:

Pessoa, Fernando. OBRA POÉTICA. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. 4ª ed., Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1972.

melhor: talvez ambas caminhem juntas; à medida que se dá uma unidade material vai-se progredindo também no que é mais importante, a unidade espiritual. Antes das Navegações a terra e os homens estavam mais separados do que ficaram depois delas. O mundo deu um grande passo no sentido da reconstrução da unidade. Ora o que é significativo assinalar é que a voz épica interpreta que foi essa a missão dos portugueses liderados pelo Infante D. Henrique que, por isso, é a cabeça do grifo, na “Primeira Parte” e que, por isso, encabeça a “Segunda”. Não esqueçamos, portanto, que o Infante pertence às duas primeiras partes do poema porque ele é visto como figura decisiva não só para a empresa dos Descobrimientos mas também para a da constituição da nacionalidade significada pelo brasão. Não esqueçamos que o brasão escolhido por Pessoa foi o do próprio Infante D. Henrique, pois este consolidou a obra de constituição da nacionalidade e elevou-a a seu ponto culminante. Penso ser por isso que no poema da “Primeira Parte” que a ele se refere aparecem os versos:

“Tem aos pés o mar novo e as mortas eras -  
O único imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão.”

O mar é novo porque recebeu novo sentido, é um mar que agora une e não mais desune. O globo é “mundo” porque está limpo dos terrores e superstições que o infestavam, porque a adversidade da desunião (seria cabível até usarmos os termos o demônio, o mostrengo) foi vencida. Como foi D. Henrique o ideador do empreendimento das Descobertas entende-se mais facilmente que seja ele a cabeça de águia que preside o brasão e não a figura de El-Rei D. João, o Segundo.

O poema “Horizonte” mostra esse “mar novo”:

“Ó mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.”

“Linha severa da longinqua costa -  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:  
E, no desembarcar, ha aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstracta linha.”

É lei de composição deste poema que o que serve para aterrorizar passe a servir para deslumbrar, que o que era desértico surja na plenitude da fecundidade. Não será isto o Quinto Império? O mudar o sinal do que é adverso

no Mundo e torná-lo em positividade? Não será isto o processo da Redenção que ainda se está dando na História? Na tarefa de ir mudando o adverso em positividade não há um eco das palavras de São Paulo aos Romanos, quando lhes diz: “(...) sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até ao presente dia. Não só ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo”(VIII, 22-23)? Não será esta tarefa de reversão do adverso a “iniciação” que as naus portam consigo?

O poema “O Mostrengo” mostra-nos que, nessa luta, há duas atitudes possíveis:

“Trez vezes do leme as mãos ergueu,  
Trez vezes ao leme as reprendeu”

- é possível fugir ou é possível enfrentar e, para enfrentar, é preciso muita firmeza, muita vontade: “E mais que o mostrengo, que me a alma teme/(...) Manda a vontade, que me ata ao leme,/De El-Rei D. João Segundo!” É a vontade de El-Rei, atualizada na vontade do homem do leme, que identifico com Bartolomeu Dias, que reverte a fuga e transforma-a em vitória. Também neste caso a realidade não tem mão única. No poema “Os Colombos” mostra-se-nos que ao português toca fazer do “Longe” história, enquanto a outros povos toca fazer do “Longe” mostrengos, medos. Aquilo que serve para ser temido também serve para ser vencido. Outro belo exemplo é encontrado no poema “Mar Portuguesez”:

“Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,  
Mas nelle é que espelhou o céu.”

O mar que é abismo e perigo também é céu, isto é, glória, vitória, recompensa. Ora este tipo de raciocínio que está no cerne deste poema está também no cerne do cristianismo, já que é nele que o que serve para perder também pode servir para salvar, o que serve para humilhar também pode servir para exaltar. É esta a lógica da Cruz, o olhar com que se encara a dor, o segredo da salvação. O místico cristão aprende que tem de fazer de suas fraquezas e defeitos ocasiões de virtude, de suas derrotas, vitórias, da morte, vida. Esta mundivisão cristã parece-me estar entranhada nos versos de MENSAGEM, constituindo mesmo o núcleo de sua significação mais profunda. Vejamos agora o caso do poema “A Última Nau”:



“Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Imperio,  
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ancia e de presago  
Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
(...)

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlantica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,  
Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora  
(...)

A última nau foi-se e não voltou mais. Para esta nau que levava a bordo o Desejado houve um só sentido, o da ida. Mas uma nau pode navegar nos dois sentidos, vai e pode voltar. A voz épica se pergunta se voltará da sorte incerta e, enquanto aguarda, protesta que a demora que serve para o povo desanimar (ficar sem ânimo, sem alma), serve para que sua “alma atlantica” se exalte. Diante da demora, as duas reações são possíveis: perder a esperança ou crescer nela; também aqui há reversibilidade. Daí ser MENSAGEM o poema da esperança, e sua segunda parte terminar com uma prece em que se vê, de novo, o motivo da reversibilidade: a chama que está oculta pode ainda erguer-se para que “outra vez conquistemos a Distância - /Do mar ou outra, mas que seja nossa”.

Que é, efetivamente, o poema da esperança vê-se claro no primeiro poema da “Terceira Parte” sobre D. Sebastião: “Sperae! Cahi no areal e na hora adversa/Que Deus concede aos seus/ (...) Que importa o areal e a morte e a desventura/ Se com Deus me guardei?/ É O que eu me sonhei que eterno dura,/ É Esse que regressarei”. Não se nega que houve uma “hora adversa” e um “areal”; afirma-se que tudo isso não tem importância frente ao poder de Deus. O que é preciso é esperar a vitória contra essa “desventura” que, na “Hora” certa, mudará de sinal.

No segundo dos símbolos, o poema “O Quinto Império”, diz-se-nos que “A terra será teatro/ Do dia claro, que no atro/ Da erma noite começou.” O que é

atro pode transformar-se em claro, a noite *desemboca* no dia, não é irreversível. A missão do povo português, que está “no auge da suprema prova”, como diz o poema “O Desejado”, será o coroamento da empresa sonhada, e, em parte realizada, pelo Infante:

“Mestre da Paz, ergue teu gladio unguido,  
Excalibur do Fim, em geito tal  
Que sua Luz ao mundo dividido  
Revele o Santo Gral!”

O que o Desejado, “Sonho das eras portuguez”, virá fazer é unificar o “mundo dividido”. Sua missão identifica-se com a de Jesus Cristo: “*congregavit nos in unum Christi amor*” diz o hino litúrgico “*Ubi caritas et amor*”, cuja segunda estrofe transcrevo pela sua expressividade: “*Simul ergo cum in unum congregamur:/ Ne nos mente dividamur, caveamus./ Cessent iurgia maligna, cessent lites./ Et in medio nostri sit Christus Deus.*”<sup>3</sup> Muito mais clara ainda está colocada a questão nas orações litúrgicas que acompanham o salmo messiânico, o “Salmo 2”: “*Omnipotens sempiterne Deus, qui in dilecto Filio tuo, universorum Rege, omnia instaurare voluisti: concede propitius ut cunctae familiae Gentium, peccati vulnere disgregatae, eius suavissimo subdantur imperio (...)*”, que o MISSAL QUOTIDIANO traduz da seguinte maneira: “Ó Deus, onipotente e eterno, que quisestes restaurar toda a criação na pessoa do Vosso amado Filho, Senhor do universo, concedei-nos, pela Vossa misericórdia, que todas as nações, divididas pela ferida do pecado, se submetam ao suave império de Cristo.” (p. 2540). O Infante, com as Navegações, dera um importante passo para a reunificação do “mundo dividido”; o que agora a voz épica espera, augura e anuncia, é a chegada do “Galaaz com patria”, do “Sonho das eras portuguez”, que virá erradicar de vez todas as seqüelas produzidas pela ferida do pecado e reunificar as nações divididas, instaurando “A Nova Terra e os Novos Céus”. Diz-se erradicar de vez porque esta segunda vinda coincidirá com a consumação dos séculos, daí a expressão “Excalibur do Fim”. O desastre nacional acontecido em Alcácer-Quibir na pessoa de D. Sebastião é visto como o sinal de que o novo povo escolhido da História da salvação é o povo português, daí a epígrafe que preside a todo o poema MENSAGEM: “*Benedictus Dominus Deus noster qui dedit nobis signum*”. A decadência portuguesa, se tem sido vista como motivo de humilhação histórica para o povo que “foi outrora Senhor do Mar”, pode também ser vista como o sinal de sua glorificação no plano providencial que preside à História do homem. O próprio

---

<sup>3</sup> MISSAL QUOTIDIANO. Organizado por José António G.S. Marques. Braga, Edições Theologica, 1989, p. 397 e p. 2540.

“mostrengo” vem chamar “Aquelle que está dormindo” para que venha desvendar o “Terceiro” Mundo. É entre os portugueses que, segundo MENSAGEM, se dará a Segunda Vinda de Cristo, ou porque Ele volte à Terra em território português ou porque se encarne novamente como português ou porque tal fato ocorra, de algum modo, nos limites da pátria língua portuguesa. A profecia do poema é obscura e toda a parte de MENSAGEM que a anuncia recebe, justificadamente, o título de “O Encoberto”. Uma coisa fica clara, porém: é que “Os Tempos” já se completaram e a voz épica já vaticinou: “É a Hora!”.

Como é evidente, neste poema aliam-se misticismo e nacionalismo. “Cristão gnóstico” Fernando Pessoa disse ser numa Nota autobiográfica datada de 30 de março de 1935. Transcrevo suas palavras por serem pertinentes a quanto até agora dissemos: “Posição religiosa: Cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria. Posição iniciática: Iniciado, por comunicação directa de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal. Posição patriótica: Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda a infiltração católica-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente (...)”<sup>4</sup>.

Esta Nota autobiográfica sintetiza as coordenadas espirituais que presidem ao mundo da MENSAGEM. Retomando, agora, em parte as palavras com que iniciei, reafirmo que, em minha visão, MENSAGEM é o livro decisivo, a profissão de fé religiosa e patriótica que, ao mesmo tempo que augura a próxima vinda do “Encoberto”, também explica o título que recebeu a aventura heteronímica e que poderia receber tudo quanto mais surgisse de sua pena criadora: FICÇÕES DO INTERLÚDIO. “Deus escreve direito por linhas tortas”, diz um provérbio popular português. O escrever direito constitui a verdadeira História, aquela só claramente visível para Deus e para os que gozam da visão beatífica; as linhas tortas constituem a História vista pelos homens, transbordante de desastres, que são revertidos por Deus em prol de uma História da Salvação. Em mãos de Deus os acontecimentos da História são “naus que navegam nos dois sentidos” e esta é uma figura da Redenção. Mesmo que gnóstica, o balanço final da mundividência de MENSAGEM é uma visão providencialista da História.

---

<sup>4</sup> FERNANDO PESSOA NO SEU TEMPO. Catálogo de Exposição. Lisboa, Biblioteca Nacional, p. 21-22.